

Possibilidades de aprisionamentos e de dissidências na adoção de crianças e adolescentes

Opportunities and imprisonment dissidence in teens adoption

RIBEIRO, Elisa Mariana Carvalho¹

MARTINS, Fábio Henrique Silva²

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva³

RESUMO

O artigo apresenta a adoção como uma prática que questiona os padrões biológicos e heteronormativos de constituição familiar, tornando-se este um dos grandes temas na atualidade referente à parentalidade. Apresentamos alguns discursos que estão presentes nos(as) pretendentes à adoção, como o medo de uma possível herança genética trazida pela criança adotada; assim como a busca da adoção como última alternativa diante da impossibilidade de reprodução bioparental; e ainda a preferência por adotar bebês, que configura a adoção tardia, geralmente sentida como uma prática inviável. Por meio do filme Patrik, 1.5, que retrata a adoção de um adolescente de 15 anos entregue a um casal homossexual (homoparentalidade), adentramos o tema adoção e nos aproximamos do campo sensível em que transitam os discursos que capturam e aprisionam novos arranjos constituindo um campo tensionado, no que se refere aos discursos sobre família e aos padrões heteronormativos intensificados pelos fluxos constantes de subjetivação, bem como experiências que dissidem da norma e reinventam novos modos de constituição familiar.

Palavras-chave: Adoção; Adoção tardia; Homoparentalidade

ABSTRACT

The article presents adoption as a practice that questions the biological and heteronormative patterns of the family formation, this being a major theme related to parenting studies nowadays. We will detach the discourse present in the applicants for adoption, as the fear of a possible genetic heritage brought by the adopted child; as well as the pursuit of adoption as a

¹ Psicóloga, mestranda em Psicologia pela Unesp/Assis. E-mail: elisalibris@gmail.com

² Psicólogo pela Unesp/Assis. E-mail: martinsfabiohs@gmail.com

³ Professor do Departamento de Psicologia Clínica da Unesp/Assis. E-mail: fertilli@hotmail.com

last alternative for a impossible bioparental procreation; and yet, the preference for adopting babies, which sets the late adoption, usually felt as a impracticable practice. Going through the movie Patrik, 1.5, which portrays the adoption of a 15 year old delivered to a homosexual couple (homoparenthood), we enter on the adoption theme and we approach the sensitive field transiting the discourse that captures and imprisons new arrangements constituting an tensioned field, in relation to the discourse on family and heteronormative patterns intensified by the constant flow of subjectivity, as well for the dissident experiences on the standard that reinvent new ways of family constitution.

Keywords: Adoption; Late adoption; homoparenthood.

Introdução

A prática de adoção de crianças e adolescentes é caracteriza no art. 39 da lei 12.010/09 como “...uma medida excepcional e irrevogável, à qual se deve recorrer apenas quando esgotados os recursos de manutenção da criança ou adolescente na família natural ou extensa (...)”. O art. 43 da Lei 8.069/90 destaca que “a adoção será deferida quando apresentar reais vantagens para o adotando e fundar-se em motivos legítimos.” É possível perceber que:

A infância e a adoção tiveram interpretações bastante diversas ao longo dos tempos, sendo que os códigos morais, as leis e as religiões ora eram coerentes, ora divergiam entre si. Cada cultura vem assumindo, ao longo dos períodos históricos, posturas diferenciadas em relação à adoção, que sempre estão relacionadas ao contexto sócio-político, econômico e religioso da época (WEBER 2007, p. 23-24).

Podemos compreender a adoção no contemporâneo como uma prática, que baseada em determinações jurídicas, propõe dar uma família às crianças e adolescentes que não puderam tê-la, ou tendo-a, não tiveram seus direitos assegurados nesta, bem como possibilitar aos adultos(as) que tenham filhos(as) não biológicos.

Dias (2010, p. 473) sugere que a adoção é um parentesco eletivo, que decorre de um ato de vontade, assim, “a verdadeira paternidade funda-se no desejo de amar e de ser amado [...]”. Portanto, quanto a parentalidade baseada nos vínculos biológicos,

[...] a ‘arqueologia do saber’ de Foucault nos leva de encontro ao regime de forças de produção histórica destas relações de parentesco, mostrando que elas em nada são naturais. Outrossim, são dependentes dos devires que circulam num plano “caósmico”, que fazem daí um campo problemático que incansavelmente nos apresenta novos problemas (TEIXEIRA-FILHO, 2005, p.171).

A adoção, nesse contexto, possibilita-nos notar que as relações de parentesco, de fato, não são naturais, pois podem ser criadas, estabelecidas por meio da escolha mútua, do afeto e do cuidado sem necessidade de crivo biológico. Nesse sentido, consideramos a adoção de crianças e adolescentes uma prática dissidente de constituição familiar.

Segundo Lopes (2010), o termo dissidência provém etimologicamente do verbo latino *dissideo*, que significa manter-se afastado, estar separado de uma unidade. A partir da década de 60, esse substantivo passou a ser usado para designar intelectuais que se opõem à imposições cerceadoras e arbitrariedades oficiais em várias regiões do mundo. O termo também foi empregado para denominar a luta das mulheres pela igualdade de direitos sociais.

Porém, ao considerarmos essas relações dissidentes de parentesco possíveis pela prática da adoção, não podemos desconsiderar que há outros discursos, ainda hegemônicos que predominam dentro destes regimes de produção histórica que perpassam tais relações.

Há discursos sobre a família que validam e reforçam o que Teixeira Filho denominou de matriz bioparental⁴, nesta há a afirmação da parentalidade como sendo exclusivamente do âmbito biológico, fortemente relacionada à procriação, ou seja, segundo tal pensamento a família é definida por laços sanguíneos.

No modelo de família surgido com a burguesia, que tem entre suas características o amor entre cônjuges, juntamente com o cultivo e a exaltação da maternidade

⁴ Conceito criado por Fernando Silva Teixeira Filho (2010) com base em seus estudos e experiência clínica com família, adoção e sexualidades. Refere-se ao discurso que, apoiado na matriz heteronormativa, afirma a parentalidade como legítima quando assegurada sua relação direta com o orgânico, ou seja, com a consanguinidade. De modo que estes discursos foram naturalizando-se e adquirindo valor de “verdade” e gerando estigmatização, por exemplo, àquelas famílias constituídas por laços afetivos, por meio da adoção (ZANARDO, TEIXEIRA-FILHO e RIBEIRO, 2014).

(amor materno, como teorizado por Badinter, 1985), e da provisão paterna, o casal heterossexual é eleito como modelo de sexualidade a ser seguido. Assim, em conformidade com as normativas sociais, massificou-se a ideia desta conjugalidade como a “correta”, e em contrapartida, propagou-se a estigmatização da homossexualidade e de práticas sexuais diversas (SILVEIRA-FILHO, 2010).

Esses discursos compõem a matriz heteronormativa que pressupõe uma organização contínua entre sexo/gênero/desejo, relegando ao estado de abjeto todas as práticas, afetos e constituições familiares que desviem dessa premissa, cedendo espaço e legitimação a um discurso hegemônico cis-heteronormativo⁵ de família, bem como, a já apontada, matriz bioparental.

Desse modo, a adoção esquivava-se do aspecto procriativo, biológico, e inclusive, heterocentrado, ao possibilitar que pessoas homossexuais tornem-se pais e mães.

Quando a adoção “trinca” o biológico enquanto definidor de parentalidade, e no contemporâneo, de afeto também, há um estranhamento que se reflete como preconceito frente às famílias adotantes, bem como às crianças/adolescentes adotadas(os). É isso o que pressupõe as expressões frequentemente utilizadas no cotidiano e nas mídias: “filho de verdade”, “filha legítima” quando se referem aos filhos(as) biológicos(as) em situações em que envolvem também filhos(as) adotivos(as), na tentativa de diferenciá-los(as).

Nesse contexto, a adoção apresenta-nos uma outra forma de se relacionar, de se vincular, e se afetar enquanto pai, mãe, filho ou filha. Ela aponta uma possibilidade de tornar-se família que passa por outras vias, seguindo outros fluxos, outras linhas. Portanto, nesse sentido, a consideramos uma prática dissidente, por diferir daquilo que é normativo na constituição familiar.

Sustentar tal vinculação é, por vezes, algo difícil para as famílias constituídas por laços de afeto, pois é como se tais famílias tivessem quase sempre que provar e sustentar sua legitimidade. Apresentaremos neste artigo, numa primeira parte os ‘Discursos e afetos no contexto da adoção’, passando pelos enunciados que circundam a atmosfera tanto dos

⁵ O termo é composto pelo prefixo “cis”, que no latim significa “do mesmo lado”. Assim uma pessoa cisgênera é aquela que tem sua identidade de gênero em consonância com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento, dessa maneira, sua conduta expressa nos atos do dia-a-dia está em plena conformidade com o esperado pela sociedade quanto as pessoas de seu sexo biológico. Assim, o termo “cis-heteronormativo” faz referência a uma normatividade heterossexual privilegiada por responder aos padrões sociais esperados e aceitos no âmbito das práticas, desejos e, aqui, também de constituição familiar.

adotantes como dos(as) adotados(as) e na segunda parte os ‘Aspectos discursivos sobre adoção retratados no filme ‘Patrik 1.5’” aproximando a representação cinematográfica para a análise e implicação dos efeitos da adoção tardia por meio da homoparentalidade, bem como suas dissidências e aprisionamentos.

Discursos e afetos no contexto da adoção.

Pudemos perceber que a adoção é uma prática dissidente, que propõe um discurso outro sobre o ser família, mas queremos apontar ainda outras questões, que caracterizam de modo geral, grande parte dos processos de adoção. Queremos situar nosso(a) leitor(a) nesse mundo de afetos que circulam o ambiente adotivo.

A adoção, apesar de seus aspectos inventivos e dissidentes, também pode estar aprisionada, em diversos momentos, por discursos que retomam a biologia como referência, aprisionando, gerando ou reiterando preconceitos. A seguir destacamos alguns:

Discurso A- “O sangue que corre nas veias dessa criança não é o meu, e agora?”

O(a) filho(a) adotado(a), diferente do(a) gerado biologicamente, tem uma história anterior à adoção, traz consigo outras vivências, outros cheiros e memórias. Esse é um aspecto que geralmente amedronta muitas famílias adotantes ou pretendentes, e que, inclusive, leva muitas a restringirem a idade da criança a ser adotada. Tornando assim, por exemplo, a adoção de uma criança de dois anos, uma adoção considerada tardia, ou seja uma criança em idade já menos adotável (ANDREI, 2001).

O discurso biológico aparece aqui representado, geralmente, pela figura da genitora, considerada como “naturalmente” a mãe. Assim, há o receio de que essa mulher possa sempre querer “sua” criança de volta, mesmo já a tendo entregue à adoção.

Essa origem da criança produz em muitas famílias adotantes o temor dos genes. Assim tais famílias levam em consideração algumas normativas, dentre elas, pressupostos de vulnerabilidade social na criança que, segundo tal discurso, carregaria em seu histórico genético uma predisposição à marginalidade, agressividade, antes mesmo de sua chegada à instituição para adoção. Essas normativas podem ser sentidas pelas famílias adotantes como uma ameaça, um vestígio ruim que poderia ser trazido e mantido pela criança, mesmo no novo núcleo familiar. Receio este, que parece agravar-se conforme mais velha for a criança no momento da adoção.

Weber (2007) destaca que:

tentar atribuir certas características comportamentais aos genes às vezes é muito cômodo, porque nos livra da responsabilidade de ter construído ou contribuído para tal comportamento... Nas famílias adotivas, se o comportamento da criança está 'de acordo' com o que os pais adotivos esperam, eles acabam creditando o sucesso à sua educação; mas se algo não vai bem, muitas vezes, e até de maneira não consciente, colocam a responsabilidade nos genes do 'outro', no 'sangue ruim' que esta criança pode ter trazido (p.23).

O discurso biológico percebido dessa forma desconsidera a importância das trocas cotidianas e da produção de sentido possível nos encontros que se dão, independentes dos laços sanguíneos. Tal produção de sentido:

[...] não é aquela que aborda o mundo por meio de hábitos cristalizados, mas a que consegue permanecer sempre em processo de aprendizagem. O processo de aprendizagem permanente pode, então, igualmente, ser dito de desaprendizagem permanente. Em sentido último, aprender é experimentar incessantemente, é fugir ao controle da representação. É também, nesse mesmo sentido, impedir que a aprendizagem forme hábitos cristalizados (KASTRUP, 1999, p. 151).

Ou seja, uma criança/adolescente em um novo ambiente pode aprender, ensinar, reconstruir, territorializar, desterritorializar e reterritorializar (ROLNIK, 1989) o que, por sua vez, também gera um movimento em toda a família, possibilitando criação, a construção de um ser e estar em família com novas possibilidades.

Discurso B – “Podemos tentar uma barriga de aluguel!”

Há também um aspecto bastante presente nas famílias adotantes que é optarem pela adoção como última alternativa, mediante a impossibilidade de gerarem biologicamente um(a) filho(a).

Ou seja, diante desse cenário, há casais que antes de adotarem fazem diversas tentativas para engravidar, mas por questões de infertilidade ou infecundidade não o

conseguem. Deste modo, muitos(as) optam pela adoção como uma forma de “substituir” o(a) filho(a) biológico(a) não gerado(a).

Andrade, Costa e Rossetti-Ferreira (2006, p.243) destacam que:

Hoje, as novas tecnologias de fertilização, como inseminação artificial, fecundação *in vitro* e aluguel de barriga, têm aumentado as possibilidades do filho consanguíneo e a adoção continua sendo buscada, prioritariamente, por motivos de infertilidade (Weber, 2003; Mariano, 2004).

Dentre as mulheres, com relação a representação da infertilidade Trindade e Fiorim (2002) em sua pesquisa, apontam que, os termos *tristeza, incompletude, frustração, cobrança dos outros, solidão, inferioridade e adoção* parecem confirmar “a permanência da concepção da infertilidade como uma condição estigmatizante para a mulher” (p.1).

Nesse sentido, para os homens, a impossibilidade de paternidade biológica aparece geralmente associada à impotência sexual, como não concretização da virilidade heterossexual atribuída à masculinidade (COSTA, 2002).

Fica portanto evidente, como em tal discurso a procriação aparece ainda como central no projeto de família ocidental, produzindo modos de subjetivação nos corpos.

Questões relacionadas às dificuldades reprodutivas, bem como exemplos que abrangem desde sociedades à momentos históricos distintos, são abordadas por diversos autores(as), como apontado por Trindade e Fiorim (2002): Del Priore (1997), Kitzinger (1978), Rocha-Coutinho 1994, Trindade (1998); e Tubert (1991), dentre outros(as).

A motivação inicial, de gerar um(a) filho(a), pode ser mudada, superada ou ressignificada pela família em seu contato com a criança/adolescente adotado(a), levando-os(as) a estabelecerem com esse(a) filho(a) uma relação potente de trocas afetivas e cuidados, atestando que um primeiro conceito de família, a priori, não determina toda uma história. Uma vez que:

cada conceito remete a outros conceitos, não somente em sua história, mas em seu devir ou suas conexões presentes. Cada conceito tem componentes que podem ser, por sua vez, tomados como conceitos [...] Os conceitos vão

pois ao infinito e, sendo criados, não são jamais criados do nada (Deleuze e Guatarri, 1992, p.31).

Desse modo, o desejo que motiva a constituição familiar, permite avançar para novos conceitos, como de família, amor e parentalidade. Ou seja “a adoção não precisa ser pensada como suplência a uma falta, mas antes como um desejo de ampliação das possibilidades de existência e subjetivação” (ZANARDO, TEIXEIRA-FILHO E RIBEIRO, 2014, p.84).

Discurso C- “E eu quero um recém nascido para acompanhar todos os processos do desenvolvimento dele, ver o primeiro dentinho, a primeira palavra, os primeiros passinhos⁶.”

Outro aspecto verificado quanto aos processos de adoção é a grande procura dos(as) adotantes por um(a) filho(a) recém-nascido(a), indicativo da busca de tais famílias em reproduzir o modelo de família biológica (Andrade, Costa e Rossetti-Ferreira; 2006), o que faz com que crianças mais velhas e adolescentes levem mais tempo à espera de uma família (adoção tardia).

Segundo o site⁷ do Conselho Nacional de Justiça “quase seis mil crianças e cerca de 33 mil pretendentes estão cadastrados no CNA atualmente”. O site (2016) destaca que o Cadastro Nacional de Adoção dispõe de uma:

automação no cruzamento de dados, que permite que o sistema encontre perfis de crianças disponíveis à adoção e pretendentes que vivem em estados e regiões diferentes, o que desburocratiza o trabalho do magistrado e agiliza a efetivação das adoções. O processo de adoção no Brasil leva, em média, um ano e meio (s\p).

Porém essa “conta não fecha” visto que há um excedente de crianças que não correspondem às expectativas dos(as) pretendentes à adoção, pois, como apontado por Weber (2007), no contexto brasileiro, há um perfil de preferência, com a predominância de adoção de crianças brancas (70,5%), e com até três meses de idade (71,4%).

⁶ [1] <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20130603094859AAwDlck>

⁷ <http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/81936-cnj-servico-saiba-como-funciona-o-cadastro-nacional-da-adoacao>

O atravessamento da matriz bioparental também aparece na necessidade de nutrir e educar a criança adotada, acompanhando seu desenvolvimento físico, psíquico e social desde os primeiros momentos de sua vida, como geralmente se configuram os padrões de família biológica. O receio da família adotante, de não ter oferecido à criança os cuidados iniciais, é notado como um demonstrativo de impedimento ou dificuldade para a vinculação, para o exercício da maternidade/paternidade, como uma não validação da parentalidade com tal criança.

Contudo, para além da necessidade de acompanhar os primeiros momentos de vida de uma criança, deve-se considerar que seu corpo e processo de subjetivação não encontram-se estáticos, mas ao contrário, em constante movimento de afetos, sensações, disparados pelos encontros com seus pais adotantes, na iminência de novos acontecimentos. Ao adotar uma criança, independentemente de seu tempo de vida, a família abre possibilidades para novas histórias, significados, e sensações que podem ser experimentadas através do vínculo no cotidiano.

Aspectos discursivos sobre adoção retratados no filme 'Patrik 1.5'.

Após essa breve apresentação de algumas questões que envolvem grande parte dos processos de adoção, bem como os discursos sobre família, com o intuito de exemplificar alguns aspectos disso que temos chamado de possibilidades de dissidências e aprisionamentos, vivenciadas na prática da adoção, escolhemos o filme⁸ *Patrik, Age 1.5*. O filme foi produzido na Suécia, país que conquistou a adoção homoparental em 2002, após uma pesquisa que durou 18 meses e mostrou que casais gays são tão capazes de criar e dar afeto às crianças quanto os heterossexuais.

Trata-se de um filme⁹ dirigido por Ella Lemhagen, sendo a adaptação de uma peça teatral escrita por Michael Druke. A escolha do filme se deu pelo fato de que apresenta uma estória de adoção, sendo possível, dessa maneira, sentir e visualizar algumas das questões acima tratadas referentes à grande parte dos processos de adoção.

⁸ (http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/020606_adocaoro.shtml)

⁹ Em 2009 recebeu o prêmio de Melhor Filme no 33º *San Francisco International LGBT Film Festival*; e Seleção oficial na 33ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo; e Seleção oficial no 30º Toronto em 2008 ("http://pt.wikipedia.org/wiki/Festival_Internacional_de_Cinema_de_Toronto" Festival).

O filme apresenta uma adoção tardia realizada por um casal homossexual, ou seja, estória que contém, já de início, múltiplas dissidências, apesar de também, diversos aprisionamentos. Ana Lucilia Rodrigues (2014) comenta sobre o filme:

Questão polêmica bastante em voga na atualidade, a união civil entre pessoas do mesmo sexo suscita todo tipo de reação. A produção sueca *Patrik 1.5* toma partido, discutindo preconceito com humanidade, sem apelar para clichês. Apesar de parecer uma comédia rasgada, o filme é mais um drama familiar sobre a superação das diferenças, mostrando o preconceito arraigado, infelizmente, não só nos adultos, mas também entre crianças e adolescentes(s.p).

O filme retrata a história de Göran (Gustaf Skarsgard) que é médico e sonha ser pai e Sven (Torkel Petersson), que já tem uma filha adolescente de um casamento anterior (heterossexual), e que no passado teve problemas com o abuso de bebidas alcoólicas. Eles se mudam para uma pequena cidade sueca, e após algumas tentativas, seguidas de frustrações, conseguem adotar quem eles acreditam ser um bebê de um ano e meio de idade (1.5), chamado Patrik (Tom Ljungman).

Os preparativos para receber a criança já estão todos prontos desde que eles se mudam para a nova casa, o quarto da criança já está mobiliado, com berço, caixa de música, e brinquedos. Göran estava, desde o início, tão empolgado que comprou e instalou uma câmera no quarto do bebe (baby guard) para acompanhá-lo.

No entanto, quando o menino chega, ele não é bem o que os dois esperavam. Por um erro de digitação na idade do garoto, eles recebem um jovem de 15 anos, órfão, homofóbico e que traz consigo uma lista de infrações cometidas.

Sven e Göran ficam preocupados e tentam devolvê-lo no mesmo dia, acreditando que "seu" Patrik de um ano e meio, pudesse ter sido enviado por engano à outra família. Mas como a “devolução” não é possível, eles são forçados a permanecer com o garoto da tarde de sexta-feira até terça-feira, que é quando o serviço retoma os atendimentos.

Diante da tentativa de não continuarem com o garoto, eles o levam à polícia, e Sven o acusa de ser um marginal. O clima fica cada vez mais difícil. Sven é preso, leva uma multa de trânsito, e Patrik sai, literalmente, correndo na tentativa de fugir de seu arranjo

familiar, e atravessado por muitos preconceitos, chega a ofender o casal ao sugerir que são pedófilos, mesmo o casal não tendo manifestado nenhuma aproximação de interesse sexual; Patrik encontra-se atravessado pelo medo e a insegurança em constituir laços e vínculos afetivos com um casal de homens, e por outro lado, da parte do casal, há um receio em constituir laços com um “filho” adolescente.

Göran é o personagem mais sensível à problemática do adolescente, e o primeiro a oferecer-lhe cuidado, propondo à Patrik, apesar de toda a confusão, que se alimente, já que sua última refeição havia sido na noite anterior.

Receio e preocupação descrevem bem esse momento da estória. De um lado Patrik, que não dorme, pois encontra-se trancado e vigiado por desconhecidos, e não tem nenhuma ideia de futuro para sua atual situação. Do outro, o casal gay, Göran e Sven, escondem todas as facas da casa e fazem turnos de vigília para acompanhar as atividades do garoto, que acreditam ser perigoso.

Nesse final de semana tumultuado, Sven, que não suporta a presença do garoto, e a atenção que Göran começa a lhe dar, volta a usar bebidas alcoólicas, de forma descontrolada, e sai de casa.

Patrik se aproxima de Göran, que lhe dá espaço, trocam ensinamentos e escutas, e compartilham parte de suas histórias. Göran incentiva o garoto a desenvolver suas habilidades (conhecimentos de jardinagem aprendidos na instituição em que esteve, até então, abrigado). Esse encontro entre eles é movido por diversas trocas de afeto e de conhecimentos, em um processo ininterrupto de produção de si e modificação em ambos os personagens.

O afeto aparece como isso que movimenta, que desloca:

o intensivo é *vivido* como *afecto*, ou seja, ele é o nascimento, em nossa percepção habitual, de um sentir diferentemente, de um perceber outramente, de uma variação de potência, graças a uma *experiência intensiva* de nossa sensibilidade com o heterogêneo, de nossas faculdades com o novo, com o seu fora (NASCIMENTO,2012, p.117).

Essa vivência intensiva entre os dois proporcionou um sentir diferentemente em que ambos se afetam e constroem novas representações um do outro, criando novas possibilidades para a relação, para o arranjo familiar e para intensiva construção de laços.

Mas o processo de reenviar Patrik à instituição, já havia sido iniciado, e os conflitos da relação entre o casal sinalizavam que seria necessário a Göran dar início à um novo processo na tentativa de permanecer com Patrik, pois o desenrolar do relacionamento do casal indicava que Goran se configuraria como solteiro.

Nesse período, surge um casal que deseja adotar o adolescente. Porém, ele, antes de ir, aparentemente, como uma forma de retribuição ao cuidado, esforça-se para que Goran se reconcilie com Sven, sugerindo um jantar, com possibilidade de reatar os afetos entre o casal. Sensibilizado Sven retorna aquele núcleo familiar, agora sentindo-se mais seguro, mas Patrik tem que partir para a nova família, que fora aprovada pela assistência social.

Patrik apesar de gostar da nova família, usa como manobra o fato dele querer ter cães e o casal não, reinventando seu futuro, a partir de um detalhe simples, que dava-lhe clareza de onde desejava ficar. Nesse momento vemos Sven também adotando o garoto como filho quando afirma que, já há algum tempo, ele e Göran também planejam ter um cachorro. Aqui o animal torna-se a representação de algo em comum entre os três, daquilo que poderiam compartilhar.

Problematizações acerca da adoção tardia.

O casal, no filme, só consegue realizar seu desejo de ter uma família por meio da adoção, sendo o filho já um adolescente. Ou seja, a discussão que já iniciamos anteriormente, sobre as adoções tardias; definida pela maioria dos(as) autores(as) (Weber (2007), Dias (2010), Andrei (2001)), como adoção de crianças a partir de dois e três anos de idade, também fora retratada com a frustração do casal ao encontrar-se com um Patrik de 15 anos, e o contraste desse momento com o período de preparação para receber um pequeno Patrik, de um ano e meio. Vargas (1998, p. 35) aponta dois motivos para que uma adoção ocorra tardiamente:

Um, porque insistimos em uma convivência familiar salutar, que acreditamos seja recuperável, considerando que o acolhimento é temporário e excepcional e que resolverá magicamente o problema sem atendimento especial. Ora, nos encontramos na seguinte situação: é melhor acolhermos do que deixarmos à própria sorte. Ainda, temos aqui a problemática das

crianças acolhidas, após várias tentativas de retorno, respeitando os vínculos, não destituídas e sem perspectiva de serem adotadas. Dois, porque quando decidimos pela destituição, ou seja, possibilitando a adoção, não se tem mais pessoas interessadas em acolhe-las. [...] Neste contexto, existem crianças que se encontram abrigadas sem perspectiva de adoção e nem de retorno (BOCHNIA, 2010, p. 277- 278)

Assim como Patrik, muitos(as) jovens passam por longos períodos de institucionalização à espera da adoção. As diversas dificuldades enfrentadas quando a adoção se torna “tardia” se refletiram na criação, por exemplo, de Repúblicas, que são espaços destinados à adolescentes de 18 a 21 anos não adotados(as) no Brasil.

Estas definem-se como um serviço de acolhimento que oferece apoio e moradia subsidiada a grupos de jovens em situação de vulnerabilidade e risco pessoal e social; com vínculos familiares rompidos ou extremamente fragilizados; em processo de desligamento de instituições de acolhimento, que não tenham possibilidade de retorno à família de origem ou de colocação em família substituta e que não possuam meios para auto-sustentação (BRASIL, 2009).

Ou seja, essa realidade condiz com muitos sujeitos que passam sua infância e adolescência sem convívio familiar, reclusas à espaços institucionais nunca “escolhidas” como filhas(os) por conta de sua idade.

Problematizações acerca da adoção entre homossexuais.

Quanto a adoção apresentada no filme, Uziel (2005) citada em Almeida (2012 p. 74) aponta-nos que:

Essa possibilidade de exercício parental – (...) por uma pessoa do segmento denominado LGBTTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros) – é somente pensada em termos de risco e tida como irremediavelmente danosa para a vida de uma criança. A expectativa de adoção em um desses casos somente é “admitida” se o destino da criança também estiver marcado de forma trágica, como ocorre nos casos de adoção tardia ou de crianças acolhidas em instituições em razão de graves situações de maus tratos (UZIEL, 2005).

Porém, como diz Fuganti¹⁰ (2011) “O demônio é o peso, aquilo que nos impede de dançar”, diríamos que Göran, ao ouvir a música tocada, ainda que estranha à ele, dança. Vemos aos poucos, esse encontro transformar-se em uma família. Uma potência transformada em ato, gerando realidades, onde tanto o desejo de Patrik, quanto o de Göran, e mais tarde, o de Sven, se concretizam na constituição de um grupo familiar. Dois homens inapropriados para serem pai e/ou mãe e um adolescente inapropriado para ser filho.

[...] praticamente, uma vez que abandonamos condições de reconhecimento, podemos interrogar uma prática de acordo com a potencialidade de seus encontros. Ao invés de ver o casamento gay, a trans-sexualização ou a parentalidade gay como manobras comprometidas em que [...] se repete e distorce normas dadas, precisamos olhar para a positividade de cada encontro. Como os corpos estabelecem relações em cada caso, e quais poderes/potências são abertas (ou fechadas) para novos encontros e modificações? (COLEBROOK, 2009, p.9. tradução nossa).

Os arranjos familiares estabelecidos entre homossexuais, são provocados a partir de um contato real com novas possibilidades de criação e reinvenção, sendo assim nos dizeres de Deleuze, é também uma produção de novas formas de experimentar, nesta presente problematização, o que venha produzir uma família.

Deleuze deixa claro que para produzir um real e *não* um pseudo-desejo capitalista implica produzir novos enunciados. É uma questão de minar a palavra-de-ordem (ou seja, um enunciado que tem um efeito de autoridade ou lei) de uma hegemonia em um movimento contínuo de transformação. Desejar, então, não é querer/buscar alguma coisa, mas produzir novas formas de sentir, perceber e conceber (CONLEY, 2009, p.2).

Pontuamos que desejar/vivenciar uma família que difere dos modelos heteronormativos, porém, gerou muito preconceito a diversas famílias assim constituídas. Segundo Almeida (2012):

¹⁰ Palestra ministrada no Festival Contemporâneo de Dança.

A família homoparental adquiriu maior visibilidade a partir de 1975, e desde então reascendeu o grande terror de uma possível supressão da diferença sexual, anteriormente vivenciada com o declínio simbólico da autoridade paterna no século XIX (p. 75).

Para Mello (1999) a homoparentalidade pode ser considerada um fenômeno social novo. Em Zambrano (2006), encontramos que as pesquisas iniciais referentes ao tema datam de 1975, assim como a conjugalidade homoafetiva, onde mesmo sendo conhecido o fato de tais uniões existirem ao longo da história humana, somente no final do século XX, após a epidemia de HIV/AIDS no mundo, que relações amorosas estáveis homossexuais começaram a sair do anonimato, adquirindo maior visibilidade social.

Ainda em Mello (2007) encontramos que:

[...]como a nova panacéia para todos os males, antes de tudo porque, para casar-se com alguém do mesmo sexo, é preciso estar minimamente confortável com sua orientação sexual e confiante de que suas escolhas amorosas e sexuais são tão dignas quanto às do restante da sociedade. Sem isso, não é possível assumir o ônus que a publicização deste casamento implica, que pode se traduzir em homofobia familiar, no círculo de amigos, na vizinhança e no trabalho (p.172).

Assumir tal ônus acaba por tornar-se uma imposição uma vez que a:

matriz bioparental regula as formas e modos de procriação, filiação e parentalidade pautadas na heteronormatividade, constituindo-se em uma matriz que preconiza a linearidade heterossexual do sistema sexo/gênero/desejo/práticas sexuais. Essa linearidade não apenas naturaliza e essencializa estes elementos do sistema, mas torna a própria relação entre eles um fato da natureza quando, na verdade, se trata de uma arbitrariedade discursiva nutrida por tecnologias sociais que reforçam sua suposta verdade (Butler, 2003b) (ZANARDO, TEIXEIRA-FILHO E RIBEIRO, 2014).

Problematizações acerca de dissidências e aprisionamentos.

Ladvocat (2002, p.31) destaca a adoção como representante de “[...] um desvio da norma universal a qual seria a filiação genética e consanguínea.” Nesse desvio, os três (Patrik, Göran e Sven) passam por um processo em que a experiência (forçada à princípio) toma o lugar antes ocupado pelo preconceito e receios, e cria novos enunciados sobre o que pode vir a ser uma família, um adolescente institucionalizado e a homossexualidade.

Vemos no personagem de Göran, em alguns momentos da trama, a oscilação entre uma postura dissidente diante da vida (homossexual, mora com um homem, quer ter um filho, não se importa em colocar roupas cor de rosa em um bebê menino, e não esconde esses fatos das demais pessoas) e uma captura das convenções sociais, quando por exemplo, ele parece preocupado com a aparência de seu jardim em relação ao dos vizinhos (“o que vão pensar de nós se não conseguimos cuidar nem do nosso jardim?”), Ou seja, é possível sentir no personagem, um aprisionamento à essa comparação entre si e as demais pessoas, que o leva a pensar em sua relação com o futuro filho(a), em alguns momentos, de modo muito próximo à da vizinhança burguesa e heteronormativa. Nesses momentos Göran não consegue criar, ele repete.

Parece-nos que Göran sustenta, até determinado ponto, certa univocidade diante da vida, mas também performa o modo de vida de família burguesa que o cerca. Essa oscilação de sentidos, parece ser contemplada na problematização que Butler (1993) faz, quanto às possibilidades de resignificação, refletindo sobre o “peso” que o poder social e discursivo exercem:

As 'sempre novas' possibilidades de resignificação são derivadas da descontinuidade histórica postulada do termo. Mas seria esta mesma postulação suspeita? Pode a resignificabilidade ser derivada de uma historicidade pura dos "sinais"? Ou deve haver uma maneira de pensar sobre as restrições, sobre e na resignificação que leve em conta a sua propensão para voltar ao 'já velho/'estabelecido' em relações de poder social? [. . .] Nem o poder nem o discurso são interpretados sob nova forma a cada momento; eles não são tão leves como as utopias de resignificação radical podem implicar (p.224).

O “peso” desses discursos notado por sua permanência no tempo, corrobora com Foucault, quando este aponta que os discursos são efeitos de relação de poder entre regimes de produção de verdade sobre as diferentes práticas cotidianas, que se transmitem entre as gerações. No filme tal transmissão é percebida na atitude das crianças da vizinhança que também são, em geral, extremamente preconceituosas com Sven, Göran e Patrik, o que ilustra uma reprodução dessa atitude homofóbica apresentada pelos(as) adultos(as).

Ainda no filme, vemos outros atravessamentos discursivos despotencializantes, ou aprisionadores, como o da profissional (provavelmente uma psicóloga ou assistente social) que desde o início adverte o casal, de forma a desanimá-los, a respeito da probabilidade de conseguirem adotar, apesar de terem sido considerados “aptos” para tal função. Ela afirma que não há nenhuma criança disponível para eles, em nenhum país, tamanha é sua exclusão como possibilidade familiar.

Patrik, em determinado momento, aborda o casal com uma afirmação duvidosa: “Isso não vai funcionar, sabe...? Como eu chamo vocês: papai e papaiá?”. Sentimos nessa fala um questionamento sobre como fugir da norma, das etiquetas sobre as possibilidades, inclusive terminológicas, para essa nova família. Nesse sentido percebemos a validade da afirmação de Butler, (2003a) de que o parentesco é sempre tido como heterossexual, discurso que apoia-se na crença em uma sexualidade utilitária que serve somente para fins procriativos, estabelecendo uma continuidade entre sexo, gênero, desejo e práticas sexuais (Butler, 2003b).

O filme retoma, em diversas cenas, o imaginário hegemônico da heterossexualidade, em contraponto à homossexualidade. Para exemplificar, destacamos aqui a cena, de um encontro realizado no bairro onde o casal acabara de se mudar, em que um vizinho se aproxima e pergunta a Göran se “sua esposa não vem?”.

Isso evidencia algo facilmente notado nas situações mais cotidianas de nosso convívio social: a heterossexualidade erigida como norma, à qual todos e todas estão submetidos(as), pois nesse sentido, um homem só poderia estar casado com uma mulher. O discurso heteronormativo também é evidente quando Patrik pergunta a Sven e Göran se eles são irmãos pelo fato de morarem juntos.

Miskolci (2011), no artigo Desejo e solidão, aborda algumas questões já apontadas anteriormente por Didier Eribon (2008), sobre os efeitos da homofobia na produção de subjetividades. Segundo os autores, a política da vergonha opera de forma ativa, tanto por

meio de ações como a perseguição, a violência simbólica e física, bem como pela ignorância proposital da existência do desejo homoerótico.

Soares (2010) destaca que a heteronormatividade:

Relaciona-se aos vários mecanismos de legitimação das práticas sexuais, que se coadunam com o modelo de família heterossexual e produtivo economicamente, rejeitando as práticas ininteligíveis e os corpos abjetos (BUTLER, 2008). A heteronormatividade e seus códigos são retro alimentados pelo sistema sexista, racista e classista baseado na concepção de sujeito hegemônico e universal - homem, branco, heterossexual, adulto e proprietário (p.4).

O filme retrata a dissidência do casal frente a heteronormatividade, que se torna mais legítima mediante a naturalização da heterossexualidade. Por outro lado, Conley (2009) destaca que Deleuze, sensível às impressões de Hocquenghem (1974), defende que a homossexualidade não existe, propondo a dissolução e superação das determinações identitárias, com um novo momento de um devir-gay, que é processo e difere de si a todo tempo; um tornar-se não ligado a identidades, mas aos desejos. “Ele (*desejo homossexual*) está continuamente se transformando e, portanto, para Deleuze, não pode haver identidade pré-existente a partir da qual se possa transformar a si mesmo. Há apenas um rótulo dado pela maioria que a pessoa gay assume” (CONLEY, 2009, p.2). Dessa maneira, Bom e D'Arc (1979 in MELLO, 1999), nos apresentam que:

O homossexual, não mais que o heterossexual, não existe em si. Estamos todos divididos entre nossas tendências. Sobretudo, não se trata de colocar uma etiqueta sobre uma pessoa. Deixemos claro, desde agora, que esta simplificação de linguagem não é a realidade (p.34).

Considerações finais

A partir das problematizações que trazemos aqui neste artigo, o filme Patrik 1.5 propõe experiências vividas por pessoas que se dispõem à prática da adoção e a capacidade de produção de novas realidades e devires minoritários, inclusive nos contextos familiares (campo em que há, ainda, grande produção discursiva hegemônica).

As problematizações sobre as diferentes formas de famílias, e como estas são possibilitadas pelos meios da adoção e da homoparentalidade, ressaltam as dissidências e aprisionamentos presentes nestas práticas. Sendo assim, destacamos em nossas considerações finais que, apesar dos preconceitos e vulnerabilidade que enfrentam muitas famílias que se aventuram a um processo de subjetivação por meio dos laços de afetos como são apresentados seja pelo filme, pela ficção ou por vivências reais, há uma urgente produção de dissidências e aspectos inventivos no que se refere uma configuração familiar e ainda no que diz respeito a adoção tardia e entre casais homossexuais.

Patrik representa no Brasil uma grande parcela de adolescentes que encontram-se sob os cuidados de Instituições à espera de uma família, fato que, como constatamos pela adoção tardia pode estar relacionado, em grande medida, a temores e preconceitos advindos de modos de subjetivação que privilegiam o discurso biológico na constituição familiar.

O presente artigo, a priori pretendeu ser uma denúncia sobre os valores estabelecidos no campo das adoções tardias e apresentar também as dissidências que aparecem e se configuram, que levam em certa medida a uma profunda problematização que está mais relacionada a uma tendenciosa normatividade dos corpos e das relações estabelecidas, inclusive no núcleo familiar.

Denunciamos aqui os contextos em que são criados os enunciados normativos e também ilustramos pelas aproximações que trouxemos do filme, que há uma conta que não fecha, na qual crianças esperam lares e pais esperam por filhos, mas as disponibilidades para efetivar tais adoções estão presas a preconceitos e a uma pretenciosa matriz bioparental que produz esfera de perpetuação de receios que imobilizam e restringem desejos.

Porém, o presente artigo pretende ainda mais possibilitar novas literaturas, discursos potencializantes, produções de novos sentidos e intensificar os fluxos que possam lançar ideias e encorajar novas pessoas a transitar no encontro com o novo e o desconhecido entre o campo do sensível e desviante como retratado por Ella Lemhagen, no filme em que dirigiu em 2008.

Conclui-se que a pesquisa neste campo, em que se reinventam no cotidiano novos arranjos familiares, deve seguir dando visibilidade e legitimando outras formas criativas e inventivas para os sujeitos, reanimando as possibilidades de novos arranjos na qual as relações sejam tidas como acontecimentos potentes e possíveis.

Referências

ANDRADE, Raylla P. de; COSTA, Nina R. do Amaral; ROSSETTI-FERRREIRA, Maria C. *Significações de paternidade adotiva: um estudo de caso*. 2006, Paidéia (p. 241-252)

ANDREI, D. Reflexões sobre a adoção tardia. In F. Freire (Ed.), *Abandono e adoção. Contribuições para uma cultura da adoção III* (pp. 91-98). Curitiba, PR: Terra dos Homens. 2001.

ALMEIDA, M.R. *Os processos subjetivos no acolhimento e na adoção de crianças por casal homoafetivo: um estudo de caso*. São Paulo, 2012. Tese (doutorado- Programa de pós-graduação em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social)- Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Disponível em [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-22082012.../almeidaM_corrigeida.pdf] acessado em: 20 de agosto de 2015.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BOCHNIA, Simone Franzoni. *Da adoção: categorias, paradigmas e práticas do direito de família*. Curitiba: Juruá, 2010.

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

_____, Lei Federal de nº 12.010, de 3 de agosto de 2009. Brasília.

_____, *Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes*. Brasília, 2009.

BUTLER, Judith. *O parentesco é sempre tido como heterossexual? Cadernos Pagu* (21), pp.219-260, 2003a.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003b.

CONLEY, V. A. *Thirty-six Thousand Forms of Love*, 2009.

COLEBROOK, C. *On the Very Possibility of Queer Theory*, 2009.

COSTA, R. G. *Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção*. *Estudos feministas*, [S.I.] n.19, p. 339-356, jul\dez. 2002.

DELEUZE, G. e GUATARRI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro, Editora 34, 1992

DIAS, M.B. *Manual de direito das famílias*. São Paulo, Revista dos Tribunais, 2010.

ERIBON, D. *Reflexões sobre a questão gay*. Companhia de Freud. 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

FUGANTI, L. Corpo sem órgãos. 2011 acessado em 12.02.2016
https://www.youtube.com/watch?v=IlwxWe_Tvo4

HICKEY-MOODY e RASMUSSEN (2009) *The Sexed Subject in-between Deleuze and Butler*. 2009.

HOCQUENGHEM, G. *L'après-mai des faunes*, Paris, Grasset, 1974, Prefácio. p.7.

KASTRUP, V. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Campinas: Papirus, 1999.

LADVOCAT, C. *Mitos e segredos sobre a origem da criança na família adotiva*. Rio de Janeiro: Booklink, 2002.

LEMHAGEN, H. Patrik 1.5.

LOPES, C.G. Dissidência. in *E-Dicionário de Termos literários de Carlos Ceia 2010* | Website desenvolvido por: Made2Web disponível em [<http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/7002/dissidencia/>] acessado em 20 de agosto de 2016.

MELLO, L. *Família no Brasil dos anos 90: Um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual*. 1999. 353p. Dissertação (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Distrito Federal.

_____. *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____. *Matrimônio entre pessoas do mesmo sexo na Espanha. Do perigo social à plena cidadania, em quatro estações*. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

ROSSI, A. "Children and Work in the Lives of Women", comunicação apresentada na Universidade do Arizona, Tucson, fevereiro de 1976.

SCHÉRER, René "Deleuze e a questão homossexual- uma via não platônica da verdade. Lugar comum, n 7 p.135-163.

SILVEIRA-FILHO, F. M. A Crise da masculinidade contemporânea. In: COSTA, H. et al. *Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

SOARES, G. S. Experiências reprodutivas e desejos de maternidade em lésbicas e bissexuais. 2010.

TEIXEIRA-FILHO, F.S. *Do estigma à exclusão: histórias de corpos (des) acreditados*. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2005.

TRINDADE, Z. A, FIORIM, S. R. Triste e incompleta: uma visão feminina da mulher infértil. *Psicol. USP* vol.13 no.2 São Paulo 2002.

UZIEL, A. P. Parceria civil: o direito e o desejo de ter filhos. In. ÁVILA, M.B.; PORTELLA, A.P.; FERREIRA, V. (Orgs). *Novas legalidades e democratização da vida social: família, sexualidade e aborto*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

VARGAS, Marлизete Maldonado. *Adoção tardia: da família sonhada à família possível*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998;

WEBER, L. N. D. *Aspectos psicológicos da adoção*. 2ª ed. Curitiba: Juruá, 2007.

ZAMBRANO, *O direito à homoparentalidade – Cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais*, Porto Alegre: IAJ – Instituto de Acesso à Justiça, 2006.
<http://2001video.empresarial.ws/blog/tag/palma-de-ouro>. Acessado em 25/07/2014

ZANARDO, L. B., RIBEIRO E. M. C e TEIXEIRA-FILHO, F. S. *Revista de Psicologia da UNESP* 13(1), 2014.

Data da submissão: 11/09/2016

Data da aprovação: 27/01/2017